

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

IVONISE AGLAÉ MARQUES

**NISE DA SILVEIRA: O PIONEIRISMO NA TERAPIA COM ARTE-EDUCAÇÃO NO
BRASIL**

MATINHOS - PR

2017

IVONISE AGLAÉ MARQUES

**NISE DA SILVEIRA: O PIONEIRISMO NA TERAPIA COM ARTE-EDUCAÇÃO NO
BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Artes, do Setor Litoral,
da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Elderson Melo

Matinhos – PR

2017

IVONISE AGLAÉ MARQUES

**NISE DA SILVEIRA: O PIONEIRISMO NA TERAPIA COM ARTE-
EDUCAÇÃO NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em artes da
Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral e defendido em Banca Examinadora
em 26 de junho de 2017.

Prof^a. Dr^a. Édna Vergara
Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

Prof^a. Dr^a Ana Elisa de Castro Freitas
Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

Prof. Dr. Elderson Melo
Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

“A Arte é uma fada que transmuta e
transfigura o mau destino. Prova,
olha, toca, cheira, escuta.
Cada sentido é um dom divino.”

Manuel Bandeira

RESUMO

Este artigo discute a utilização da arte-educação no tratamento terapêutico da Saúde Mental realizado pela médica psiquiatra Nise da Silveira, em meados do século XX, no Brasil. Intenta retratar o percurso histórico de como a médica aplicava a arte no tratamento de pacientes internados em detrimento aos tratamentos tradicionais de um manicômio. Trocando eletrochoques, lobotomia, camisas de força e banhos frios por pinceis, tintas, argila, papeis e cores, liberdade de expressão e tons de um inconsciente reprimido e amordaçado O tema foi estudado por meio de uma reconstituição bibliográfica, bem como, por meio de entrevistas realizadas junto a profissionais de Arteterapia, atuantes na cidade de Curitiba. Sendo um assunto relativamente novo, a relevância desse estudo se dá no sentido de contribuir para ampliação das interfaces que ligam a área de saúde e de arte-educação.

Palavras chave: Arteterapia, Saúde Mental, Psicologia, Arte

ABSTRACT

This article discusses the use of art-education in the therapeutic treatment of Mental Health performed by the medical psychiatrist Nise da Silveira, in the middle of the 20th century in Brazil. It tries to portray the historical course of how the physician applied the art in the treatment of hospitalized patients to the detriment of the traditional treatments of an asylum. Changing electroshocks, lobotomies, straitjackets and cold baths by paintbrushes, paints, clay, papers and colors, freedom of expression and tones of a repressed and gagged unconscious The subject was studied by means of a bibliographical reconstruction, as well as by means of Interviews with professionals of Art Therapy, working in the city of Curitiba. Being a relatively new subject, the relevance of this study is given to contribute to the expansion of the interfaces that link health and art-education.

Keywords: Art Therapy, Mental Health, Psychology, Art

I.

I. INTRODUÇÃO

A utilização da arte como mecanismos de interpretação do mundo, de expressão de elementos sociais e psicológicos da sociedade é uma atividade milenar. O filósofo grego Aristóteles, em seus estudos sobre a tragédia grega, apontava que a catarse produzida no espectador que assistia ao espetáculo teatral,

00000000000000000000000000000000um papel fundamental na descarga emocional do público que lhe assistia, de maneira a propiciar uma expurgação dos traumas, podendo superá-los.

Quanto ao assunto, Carlson aponta para o fato:

[...] de *kátharsis* (purgação) ser um termo médico grego e sugere que, em resposta a Platão, Aristóteles sustenta que a tragédia não encoraja as paixões, mas na verdade livra delas o espectador. Assim a tragédia atuaria à maneira da medicina homeopática, tratando os distúrbios pela administração de doses atenuadas de agentes similares – no caso, a piedade e o terror. (1997, p.15 e 16)

Tendo como base essa ideia, psicólogos como Carl Gustav Jung (1875 – 1961) e Sigmund Freud (1856 – 1939) fizeram uso dos elementos da catarse em seus tratamentos clínicos com o intuito de expressar emoções e sentimentos reprimidos no inconsciente de seus pacientes. Tinham por propósito realizar tratamentos para que o paciente com algum tipo de transtorno mental se reorganize internamente. Nesse caso, a arte foi utilizada em tratamentos clínicos vista como uma atividade regeneradora. Através da estimulação da expressão, do desenvolvimento e da criatividade o uso terapêutico foi explorado.

Nesse mesmo contexto, o de aplicação da arte e seus elementos em terapias, durante o século XX, a psiquiatra brasileira Dra. Nise da Silveira (1905 – 1999) apresentou no Brasil uma abordagem inovadora no tratamento de doentes mentais, especialmente com o uso de elementos das artes visuais. Sua terapia realizada em hospitais psiquiátricos, no Rio de Janeiro, no final dos anos 1950, marcou significativamente o uso de arte no tratamento de doentes mentais.

É inadequado categorizar Nise simplesmente como uma médica psiquiatra, tendo em vista que a estudiosa adentrou diversos campos do conhecimento, explorando propriedades da área artística, educacional, filosófica, entre outros. Ela se aventurou entre gatos, pinturas e pacientes, capaz de introduzir o afeto, a terapia por meio de tintas e o amor a causa da Saúde Mental como o elemento transformador no tratamento de pacientes com esquizofrenia. Constatou que o

mundo interno dos esquizofrênicos, até então considerado inatingível, poderia ser acessado por meio das artes plásticas.

Seus trabalhos continuam, até hoje, sendo utilizados por inúmeras instituições para o tratamento e reabilitação física e mental, abrindo espaço para a atuação do arte-educador no trabalho clínico.

II. NISE DA SILVEIRA

“Não se cura além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade mais profunda. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas muito ajuizadas.”

Nise da Silveira



Imagem 01: Nise da Silveira e C. G. Jung na inauguração da exposição do Museu do Inconsciente, por ocasião do II Congresso Internacional de Psiquiatria, Zurique - 1957. Foto: Almir Mavignier
Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/encontro-com-jung.php>

Revolucionária, chamada de “doutora vermelha”, devido ao seu envolvimento com causas comunistas, perseguida política e presa por seus posicionamentos, a médica psiquiatra Dra. Nise da Silveira desenvolveu seu trabalho clínico, de interesse para esse trabalho, especialmente em hospitais psiquiátricos, nos quais se deparou com a realidade de que seus pacientes, considerados como loucos, viviam

como presos. Nise não aceitava a condição de que o hospital psiquiátrico e cárcere se confundissem.

Seu trabalho passou a ganhar maior relevância no final dos anos 1950, após sua transferência para o Setor de Terapia Ocupacional (STOR) do Hospital Pedro II, localizado no bairro do Engenho de Dentro – RJ, (considerado o setor de menor prestígio daquela instituição hospitalar).

Durante o trabalho realizado no Hospital Pedro II, Nise percebeu que seus pacientes tinham o hábito de desenhar muito no chão e desenhar nas paredes. Como primeira iniciativa, instaura um ateliê de modelagem e pintura como uma alternativa para o tratamento elaborado e desenvolvido para os pacientes com casos de esquizofrenias, o que foi, à época, considerada por seus colegas como uma atitude ousada e sonhadora, indo contra o pensamento de quase toda classe de médicos da instituição.

Segundo Valladares (2004), no início, a médica desenvolveu os ateliês de bordado e o ateliê de encadernação de livros.

Surgiram então, as Oficinas Terapêuticas, espaços de criação e facilitação da comunicação e das relações interpessoais. Nessa oportunidade, os participantes se tornam agentes ativos no mundo e não meros espectadores passivos e submissos ao tratamento (Valladares, 2004, p.108).

Os pacientes do ateliê começaram a se expressar muito rápido e em variadas formas de exploração de pinturas, desenhos e esculturas, de maneira que a psiquiatra e toda sua equipe não esperavam. Isso incentivou a psiquiatra a aprofundar os estudos, ancorando-se em teorias do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung.

Freud estudava os esquizofrênicos e afirmava que o lugar de tratamento deles era o divã. Jung, pelo contrário, observava os esquizofrênicos e afirmava que o tratamento deles deveria se dar por meio da expressão plástica e o divã deveria ser substituído pelo ateliê.

Nise começou a constatar a fragilidade da teoria do psicanalista Freud, o qual afirmava em seus livros que o tratamento deveria ser realizado por meio da palavra, ou seja, de seções terapêuticas de psicanálise. Em contrapartida, passou a interessar-se pelos estudos de Jung direcionados ao esquizofrênico, nos quais ele afirma que outras formas de expressões humanas, como as plásticas, poderiam ser mais eficientes.

A amizade de Nise com Jung e seus estudos, serviram de alicerce para a criação do que foi considerado posteriormente de “antipsiquiatria”, extrapolando os

significativos da terapia ocupacional. Por meio de trocas de correspondências, a médica iniciou uma relação profissional com o psicoterapeuta suíço, em uma parceria que durou até a morte de Jung, em 1961.

Com base nas teorias de Jung, Nise encontrou o respaldo teórico necessário para iniciar e sustentar suas práticas de terapêutica baseada nas artes contrapondo—se ao movimento sombrio da história da psiquiatria no Brasil, no qual ainda se utilizavam de recursos absurdos e tenebrosos como o eletrochoque, choque glicêmico, banho gelado e alta dose medicamentosa. Diferentemente de tais tratamentos agressivos, em suas práticas, Nise fazia das linguagens plásticas, sonora, dramática, corporal e literária, e com o envolvimento com as técnicas de desenho, pintura, modelagem, construção, sonorização, musicalização, dança, teatro e poesia entre outros, o objetivo de facilitar o trabalho terapêutico individual e social.

Por meio de seus ateliês, Nise revelou sete pacientes que foram considerados como talentosos artistas plásticos e foram com carinho apelidado pela psiquiatra de “Os Sete Camafeus” e tiveram o respaldo do crítico de arte Mário Pedrosa. Com a dedicação e o amor da psiquiatra a produção artística do material dos internos, em 1950, a médica montou uma exposição, expondo pela primeira vez as obras realizadas pelos pacientes na Exposição de Arte Psicopatológica em Paris, no I Congresso Internacional de Psiquiatria.

Em 1952, Nise reúne todo o acervo produzido por seus pacientes do ateliê e inaugura o Museu de Imagens do Inconsciente localizado no Rio de Janeiro, que conta, atualmente, com mais de 360 mil obras de pacientes em tratamento dos mais variados casos de esquizofrenias.



Imagem 02: Reserva Técnica. Guarda, organização e conservação das obras produzidas nos ateliês terapêuticos: telas, papéis, modelagens, textos e poemas – 352 mil obras.

Fonte: http://www.ccms.saude.gov.br/o_museu_vivo/html/museu.htm

No ano 1954, depois de anos observando seus pacientes desenharem formas circulares, Nise começou a notar e a defender que muitas daquelas pinturas apresentavam formatos de mandalas. Tal teoria, contudo, foi questionada pelos profissionais de sua equipe, uma vez que os pacientes eram pessoas humildes, simplórias e pobres, a grande maioria analfabeta, que não teriam acesso as figuras orientais do sânscrito.

Porém, Nise via naquele formato de desenho a semelhança do pensamento de Jung, que dizia que essas formas circulares eram a efetiva tentativa do esquizofrênico de se reorganizar. Defendeu, pois, que nas formas circulares de seus pacientes haveria um arquétipo que agia para reequilibrar a psique do esquizofrênico, principalmente em seus momentos de crise, vindo de encontro com o pensamento de Jung.



Imagem 03: Mandala produzida por um dos pacientes durante o processo terapêutico.
Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/mandalas.php>

Em correspondências trocadas com Jung, o psiquiatra confirma a suspeita da médica de que aquelas figuras de fato eram mandalas. Os dois médicos, Jung e Nise, começam a se corresponder. As cartas e informações que os dois trocavam estão expostas no Instituto Junguiano de Zurique e se tornaram documentos históricos.

No ano de 1957, a convite de Jung, Nise passou um ano para estudos e pesquisa no Instituto Junguiano, criando uma exposição do Museu de Imagens do Inconsciente durante o II Congresso Internacional de Psiquiatria, reafirmando ainda mais sua projeção internacional. Quando de volta ao Brasil, Nise cria um o Grupo de Estudos C. G. Jung no Rio de Janeiro, do qual foi coordenadora até sua morte em 1999.

Durante sua trajetória profissional, Nise escreveu dois livros que são obras de suma importância para pesquisadores e estudiosos do tema, o livro Imagem do Inconsciente (1981) e O Mundo das Imagens (1992) valorizando assim a importância e a dimensão de seu carinho pela recuperação de seus pacientes permitindo a humanização do tratamento psiquiátrico.

O Museu de Imagens do Inconsciente, existente até hoje, articula interesse científico, clínico e artístico. Seu acervo conta com mais de 360.000 obras, sendo as principais coleções tombadas pelo IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico

e Artístico Nacional, e seu acervo pessoal é tombado como Memória do Mundo da UNESCO.

III. ARTE, EDUCAÇÃO E TERAPIA

Conheças todas as teorias,
domine todas as técnicas, mas ao
tocar uma alma humana, seja
apenas outra alma humana.

Carl Gustav Jung

Como visto, buscando romper com a antiga ideia dos manicômios e através da reinserção social e o empoderamento do paciente que se encontra em sofrimento mental, Nise da Silveira propicia uma relação positiva entre o tratamento clínico, processos artísticos e arte-educativos. Sua proposição terapêutica abriu espaços para as artes e o seu ensino dentro do campo da saúde, repensando os métodos adotados pela psiquiatria e o modelo manicomial até então existente.

Foi a sua coragem e determinação que sustentaram a rebeldia para abrir novos caminhos no tratamento e no respeito a esses indivíduos marginalizados pela psiquiatria e pela sociedade. Nise constatou que o mundo interno do esquizofrênico, considerado inatingível até então, poderia ser acessado, revelando as emoções desses pacientes por meio das artes plásticas.

Procurando apoio em trabalhos de artistas expressionistas, que buscavam produzir sua arte integrada a vida interior, ao abstracionismo do inconsciente, Nise criou um espaço laboratorial no qual a arte, educação e tratamento psiquiátrico, por meio das artes visuais, se estabeleceram como uma possibilidade experimental de formas artísticas e de terapia.

O primitivo que os artistas procuravam estava na maneira espontânea, desordenada, arcaica, fruto de forças inconscientes ou espirituais que atravessava as produções dos loucos. Vale relembrar, entretanto, que essas mesmas produções também foram objetos de muitas pesquisas psiquiátricas, psicanalíticas e psicológicas, que ofereciam um grande leque de enfoques interpretativos dos artistas e suas obras. Esse entrelaçamento entre os saberes “psis” e a arte moderna serviam ora para desqualificar o que estava sendo produzido no campo artístico, ora para exaltar a loucura e sua produção. Porém, de qualquer forma, há o reaparecimento da loucura no domínio da linguagem. A loucura, através da arte, começa a escapar do silenciamento que lhe foi imposto outrora. (AVERSA, 2014, p. 152)

A intervenção da arte como suporte de um processo terapêutico, produziu resultados inesperados, e em curto espaço de tempo, utilizada como promotora das mudanças no modo e no hábito de vida dos pacientes com doenças relacionadas à saúde mental. Produziu um novo olhar sobre as doenças do inconsciente, através da resignificação da própria ideia de saúde mental e também como um instrumento de uma real reabilitação social.

Utilizada para estimular o crescimento interior do paciente, abrindo novos horizontes e ampliando a consciência do indivíduo sobre si e sobre sua existência, deixando o paciente de forma espontânea numa expressão simbólica, o trabalho de Nise da Silveira contribuiu igualmente para as produções artísticas e os processos arte-educativos. Aprofundou os sentidos metodológicos de modalidades expressivas como a modelagem, colagem, bordado, tecelagem, expressão corporal, jogos teatrais, musicalização, teatro, dança e outras expressões.

Os pacientes inseridos nessa terapia por meio de ateliê de artes tiveram a oportunidade de foram tratados pelo desenvolvimento integral de seus estados cognitivos, emocionais e intelectuais. Propiciou-se um tratamento médico individualizado que transpôs a maneira pessoal de cada paciente se relacionar e se posicionar na vida, de como vê o mundo e de como entende a maneira e de como ele se insere nesse mundo.

Nise afirmava que era o hospital que colaborava com a manutenção da doença e com seu ateliê relatou ao mundo acadêmico e científico que caberia à terapia com as artes uma parte importante na mudança desse ambiente hospitalar e na realidade de minimizar os efeitos dos antigos tratamentos e a reabilitação dos pacientes.

Se a imagem do processo psicótico tomar uma forma que entendidos de arte possam dizer 'é bela do ponto de vista artístico', muito bom. Ótimo. Isso mostra também uma outra coisa que nos agrada muito: que um doente possa fazer algo que tenha um contorno de beleza. Mas nunca uma pessoa me fez a pergunta que eu desejava ouvir: onde estão estes homens e mulheres que fizeram estes trabalhos que estamos agora admirando? Isso eu dizia desde 1949, quando fizemos a primeira exposição no MAM, em São Paulo. Onde estão essas criaturas que conseguiram dar um contorno que críticos como Léon Degand ou Mário Pedrosa consideram artístico? Eles estão nos tristes lugares que são os hospitais psiquiátricos. (SILVEIRA, 2014)

Essa forma de tratamento tem crescido efetivamente nos últimos anos do início do século XXI e tem sido inserida em diversas instituições como nos hospitais, consultórios de psicologia e psiquiatria, orfanatos, asilos, hospitais psiquiátricos e clínicas de recuperação de dependentes, atuando como recurso terapêutico. Atrela-

se ao resgate da humanização na saúde determinados por distintas políticas públicas. Apontam para novas diretrizes que compreendem os pacientes como ativos e protagonistas da própria construção de sua saúde física e psíquica. Isso está previsto, por exemplo, nas novas diretrizes estabelecidas pela Lei 10216 do SUS, que discorre sobre os direitos das pessoas com sofrimento mental e sobre o tipo de assistência prestadas a elas.

A reforma psiquiátrica procura ver o homem como um ser biopsicossocial na sua integralidade, presando por “política pública de saúde que visa à integralidade, à universalidade, ao aumento da equidade e à incorporação de novas tecnologias e especialização dos saberes” (Brasil, 2010).

A Arteterapia também vem sendo bem vista como uma mediadora de fortalecimento de vínculos entre pacientes e a equipe técnica da saúde, propiciando assim, um ambiente mais propício, acolhedor e agradável de interação, apertando os laços afetivos ligados ao grupo do qual o paciente está inserido.

Assim sendo, observamos a construção de teias transdisciplinares solidárias, interativas, participativas e protagonistas de uma realidade onde a humanização do tratamento começa a ganhar forma. Produz uma mobilização de saúde para a vida, para uma qualidade de vida com expressões artísticas visando a criatividade independência, a curiosidade e a imaginação.

Nesse cenário, o profissional de arte-educação integrou-se aos demais profissionais ligados à saúde pública, o que pode ser notado pela efetivação de concursos públicos em municípios do Brasil ou por meio de parceria desses profissionais em ações governamentais ou não-governamentais cujo foco é um trabalho terapêutico. Fortaleceu-se, dessa maneira, o trabalho da equipe multiprofissional e fomentando a transversalidade e a união dos grupos de profissionais em prol da qualidade de vida de paciente que em um dado momento da sua vida passa por dificuldades referentes à saúde.

IV. CONCLUSÃO

Por meio deste trabalho, pudemos descrever a importância e relevância do trabalho de Nise da Silveira para criação de métodos que incluíam arte no diagnóstico e intervenção terapêutica, colocando profissionais das artes e da arte-educação em parceria com a psiquiatria, psicologia, e outras áreas da saúde em geral. O estudo dessa interface produziu uma inovação que se firmou como uma referência internacional em trabalhos artísticos, arte-educativos e terapêuticos.

Atualmente, esse tipo de trabalho é visto como um dispositivo terapêutico que agrega e absorve saberes das mais diversas áreas do conhecimento, constituindo-se como uma prática transdisciplinar, visando resgatar para o paciente sua integralidade através de processos de autoconhecimento e transformação.

Criar artisticamente é dar sentidos e significados a nossa existência, as emoções humanas, as mais profundas realidades do inconsciente. Promove, portanto, ao paciente o aumento do conhecimento de seu corpo, de suas ideias, suas sensações e ações, tornou-se um dispositivo de promoção de um aumento da consciência sobre “si mesmo” e sobre “o outro”.

[...] favorece a promoção da saúde mental, pois parte da investigação e do entendimento do simbolismo individual sem perder a dimensão social e imaginária que a arte transmite pelos sinais e sintomas culturais, os quais relacionam o indivíduo à coletividade. (ZIMMERMANN, 1997, p.198).

A terapia com arte atua como um veículo facilitador da expressão humana no tratamento terapêutico, tornando o fazer agente da expressão que não se consegue verbalizar. A Arte minimiza os fatores negativos de ordem emocional ou afetiva que são afetados quando o paciente é diagnosticado com uma doença, alivia a angustia, o estresse, o isolamento social, medo, apatia, agressividade entre muitos sentimentos que afeta o paciente.

Vem como um meio de canalizar positivamente as mais variáveis maneiras do adoecer mental, o paciente tem a liberdade de criar e produzir com a arte a sua vivência e as suas dificuldades, seus conflitos, seus medos, suas angustias de um modo menos sofrido, menos doloroso.

Favorece a liberação e libertação de emoções, de conflitos internos e de imagens perturbadoras do inconsciente, como as ansiedades, os traumas, os conteúdos reprimidos, os medos. Colabora com a melhor coordenação motora e encontra mais e melhores "saídas" para o cotidiano do paciente, atua no processo de individualização do equilíbrio físico, emocional, mental e espiritual.

BIBLIOGRAFIA

AVERSA, P. C. **Vibrações possíveis: Arte/Educação e Saúde Mental na Contemporaneidade**. Revista do departamento de Artes Plásticas ECA – USP. Ano 12, n. 23, 2014.

COQUEIRO NF, VIEIRA FRR, FREITAS MMC. **A arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental**. Acta Paul Enferm 2010; 23 (6): 859-62

CARLSON, Marvin. **Teorias do teatro: estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

Jung, C.G. **O Espírito na arte e na ciência**. Petrópolis: Vozes, 1985.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

VALLADARES, A. C. A. et al. "Arteterapia na saúde mental". In: JORNADA GOIANA DE ARTETERAPIA, 2., 2008, Goiânia. **Anais...** Goiânia: FEN/UFMG/ABCA, 2008. p.114-122. Cap.13. (ISBN: 978-85-61789-00-8).